

UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONCEITUALIZAÇÃO DA CATEGORIA GLOBALIZAÇÃO

JOSÉ EUSTÁQUIO DE SENE*

A GLOBALIZAÇÃO

Origens da globalização

As origens mais remotas da globalização podem ser recuperadas no início do século XVI quando iniciou-se a mundialização capitalista no contexto das Grandes Navegações. Sob o Capitalismo Comercial, a expansão colonialista durante os séculos XVI, XVII e XVIII viabilizou a acumulação primitiva, fundamental para a entrada desse sistema em sua fase reprodutiva a partir da Revolução Industrial. Uma nova e mais vigorosa fase de expansionismo viria no último quartel do século XIX com o Imperialismo, período em que o Capitalismo atingiria sua etapa Financeira. A primeira metade do século XX foi marcada por conflitos entre Estados Imperialistas redundando na Primeira e na Segunda Guerras Mundiais. Além desses conflitos o Capitalismo passou por uma grave crise em 1929. Nesse período, embora prejudicado por graves conflitos armados e por uma crise de dimensão mundial, o sistema capitalista continuou se expandindo. Foi o período de surgimento dos trustes e cartéis. Porém, foi no pós-Segunda Guerra que o Capitalismo teve sua fase dourada. Foi quando se expandiram as multinacionais, encarregando-se da transnacionalização da economia mundial. Foram quase três décadas de vigoroso crescimento econômico em escala planetária. Foi nesse período que se gestaram as principais condições para a eclosão de um fenômeno multifacetado que se convencionou denominar globalização.

Assim, pode-se afirmar que a globalização embora tenha suas raízes na expansão capitalista do pós-Guerra enquanto um fenômeno que apresenta características próprias e específicas, enquanto processo capitalista é apenas continuidade de um longo processo histórico que já se arrasta por séculos; mas, que se acelerou após a Segunda Guerra. Pode-se afirmar que a globalização é a atual fase da mundialização capitalista. Pode-se dizer que ela está para o Capitalismo em seu atual período financeiro, científico e tecnológico como o Colonialismo esteve para seu período Comercial e o Imperialismo esteve para sua fase Industrial-Financeira. Então, a globalização ao mesmo tempo que é continuidade é também aceleração. Essas idéias aparecem nos textos de Benko (1994: 9) e Gorender (1995: 93), respectivamente:

"Esboçado no século XVI com o desenvolvimento das companhias de comércio longínquo, aprofundado no século XIX com o Pacto Colonial e o incremento dos investimentos europeus no mundo, o movimento de integração econômica mundial se acelerou depois de 1945."

"globalização e revolução tecnológica são processos objetivos e conjugados. A globalização caracteriza o atual período de evolução do sistema capitalista. Representa a continuação da expansão mundializante originariamente inerente ao Capitalismo.

* Mestrando em Geografia Humana
Departamento de Geografia - USP
São Paulo Brasil

Continuação que é, contudo, acentuação e aceleração, com manifestações na economia, na política, nas atividades culturais e nos comportamentos sociais."

A hegemonia dos Estados Unidos

A origem mais recente da globalização deve ser buscada no imediato pós-Segunda Guerra, quando, sob a hegemonia dos Estados Unidos, foi idealizada a reorganização econômica e política do mundo.

Do ponto de vista econômico a Conferência de Bretton Woods, realizada em 1944, criou o arcabouço institucional necessário para garantir a estabilidade econômica, viabilizando o mais longo período de crescimento contínuo do sistema capitalista. Foram criados o BIRD e o FMI, organismos multilaterais que deveriam conceder empréstimos e zelar pela saúde financeira de seus membros (quase todos os países capitalistas). Ao GATT, criado três anos mais tarde, caberia o papel de estimular o intercâmbio comercial no mundo através da gradativa redução das barreiras tarifárias e não tarifárias. Na Conferência de Bretton Woods criou-se o sistema ouro-dólar e o governo dos Estados Unidos além de garantir a paridade com o ouro ainda garantiria a livre conversibilidade de sua moeda. Na prática o dólar passou a ser equivalente ao ouro e tornou-se uma moeda de reserva e de circulação mundial. Essas medidas garantiram um período de grande estabilidade na economia mundial capitaneada pelos Estados Unidos. Enquanto esse país, como grande vencedor da Guerra, tinha excesso de dólar, o mundo tinha carência. Coube à ele, impulsionado ainda pela Doutrina Truman, pela lógica da Guerra Fria, o papel de financiador da reconstrução europeia e japonesa através do Plano Marshall, idealizado em 1947. Assim, os Estados Unidos tornaram-se indiscutivelmente hegemônicos no mundo capitalista do pós-Guerra, como afirma Dolffus (1994: 32):

"Em 1945 a América é 'imperial'. Intactas, suas indústrias contribuem com 50% para a produção de um mundo onde as outras potências industriais são devastadas pela guerra. Sob o guarda chuva atômico, a reconversão das produções orientadas para a guerra em atividades civis se faz rapidamente. O dólar é a única moeda de referência mundial. Os Estados Unidos detêm, mas por pouco tempo, a exclusividade da bomba A. Ninguém contesta a escolha de Nova York como sede das Nações Unidas, de Washington para o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. Só a América pode, graças ao Plano Marshall, contribuir para o reerguimento econômico de uma Europa ocidental arruinada."

Embalada pelo auxílio financeiro do tesouro dos Estados Unidos, pela integração no âmbito da Comunidade Européia, pela reconstrução japonesa e alemã e pela acirrada competição entre as empresas cada vez mais transnacionalizadas, a economia capitalista apresentou um longo período de crescimento contínuo. Esse crescimento só seria interrompido em meados dos anos 70 quando incia-se o esgotamento do paradigma produtivo fordista e economias dos países desenvolvidos entram em crise. Os Estados Unidos, que já não eram hegemônicos de forma absoluta, também apresentavam sinais de crise: perda de competitividade, elevação do déficit público e da dívida interna, desvalorização do dólar. Tanto que em 1971 o governo Nixon acabou com o sistema ouro-dólar idealizado em Bretton Woods, iniciando um período de desregulamentação que vai desembocar na globalização financeira dos anos 80. À esta crise vem se somar a brusca elevação dos preços do barril do petróleo nos choques de 1973 e de 1979. A partir de então os governos dos países industrializados adotam políticas de contenção da

inflação tendo como consequência baixas taxas de crescimento econômico. Os custos de produção nesses países se elevam, principalmente como consequência da elevação salarial. Há uma tendência de queda nas taxas de lucros.

Os avanços tecnológicos e a aceleração contemporânea

É nesse ambiente de acirramento da competição entre as grandes empresas dos países industrializados que se gestam uma série de avanços tecnológicos em busca de menores custos de produção e conseqüentemente de maiores lucros, de maior competitividade no mercado internacional. Muitas tecnologias que começaram a ser gestadas desde a Segunda Guerra foram popularizadas ou se incorporam ao processo produtivo a partir dos anos 70 e principalmente nos anos 80. É o caso dos computadores, que permitiram grande agilidade no tratamento de informações; da robótica, que garantiu enorme aumento de produtividade dentro das fábricas; das novas tecnologias de telecomunicações, que garantiram maior velocidade de circulação dos capitais e das informações, e dos avanços nos transportes terrestres, aquático e aéreo, que permitiram o aumento na velocidade de circulação das mercadorias e das pessoas. Já é lugar comum afirmar isto, mas é fato que essas novas tecnologias "encurtaram" as distâncias e "contraíram" o tempo, tornando o mundo "menor". Nas palavras de Harvey (1993: 219):

"A seguir vou me referir com frequência ao conceito de 'compressão do tempo-espaço'. Pretendo indicar com essa expressão processos que revolucionaram as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos. Uso a palavra 'compressão' por haver fortes indícios de que a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo da vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós."

Assim, uma das facetas mais importante da globalização é a aceleração, o aumento na velocidade do deslocamento de capitais, mercadorias, informações e pessoas, e isso indiscutivelmente não ocorreria sem os fantásticos avanços tecnológicos que vieram à tona muito recentemente. Essas idéias aparecem novamente nos textos de Santos (1994: 18), Gorender (1995: 93) e Dolffus (1994: 31), respectivamente:

"Sem a aceleração contemporânea, a competitividade que permeia o discurso e a ação dos governos e das grandes empresas não seria possível, nem seria viável sem os progressos técnicos recentes e a correspondente fluidez do espaço."

"A globalização tem sua base material na terceira revolução tecnológica. Esta vem avançando através da informática (computação e microeletrônica), das telecomunicações, da biotecnologia e da engenharia genética, da invenção de novos materiais etc."

"O Sistema-Mundo que emerge no fim do século XIX se distingue das 'economias-mundo' dos séculos anteriores. É planetário: nenhuma população se subtrai às impulsões. Traduz-se na da aceleração das descobertas científicas e inovações tecnológicas, no desenvolvimento das trocas internacionais."

No pós-Guerra um número crescente de empresas se transnacionalizaram buscando novos mercados para investimentos e para colocação de seus produtos. Notadamente

houve uma intensificação dos fluxos de capitais produtivos em busca de custos menores de produção. Foi nesse contexto que muitos países subdesenvolvidos ao receberem as filiais das transnacionais, que vindo se somar ao capital nacional e estatal, se industrializaram, provocando uma alteração na clássica divisão internacional do trabalho. Surgem os hoje denominados países recentemente industrializados ou economias emergentes, das quais o Brasil e a Argentina fazem parte.

Impulsionado pelo crescimento econômico e pelo aumento da capacidade de transporte e por seu conseqüente barateamento, houve uma grande intensificação dos fluxos de mercadorias entre os países, notadamente entre os da OCDE que concentram o grosso do comércio feito no mundo. Os avanços nas telecomunicações permitiram uma enorme expansão do fluxo de informações, que passaram a ser processadas e difundidas cada vez com maior rapidez. Houve notadamente um grande crescimento dos fluxos financeiros e o surgimento de novas modalidades de investimentos especulativos. Com o satélite, fatos que acontecem em qualquer parte do mundo podem ser vistos ao vivo por milhões ou mesmo bilhões de pessoas. Somando-se a isso, a difusão do telefone, a invenção do fax, o desenvolvimento da rede de computadores Internet, tem possibilitado uma crescente integração do mundo. Tem havido uma grande expansão das viagens de negócios como consequência da expansão econômica e da mundialização dos investimentos. O fluxo de turistas tem também aumentando consideravelmente. No bojo dessa intensificação de fluxos tem havido também um maior intercâmbio cultural, uma difusão de valores e de idéias. Alguns tendem a se consolidar como universais: democracia, direitos humanos, desenvolvimento sustentável, etc. Paralelamente aumentam as pressões para que eles sejam respeitados, gestando uma incipiente cidadania em escala planetária. Isso tem levado alguns autores, como Hurrell (1995: 467), a falarem na gestação de uma sociedade civil transnacional, que, como ele ressalta, não tem somente aspectos bons como é comum se pensar.

"Yet, transnational civil society is itself an arena of power. Relations within transnational civil society, which are not necessarily any more equitable than within the states-system, may work to reinforce and open up new inequalities. In the first place, transnational civil society is pluralistic, encompassing a wide range of social movements, formal political associations, and economic forces and interest groups. It is manifestly wrong to believe that the forces within transnational civil society pull only in one direction. Many actions and actors within transnational civil society are profoundly illiberal and destructive, involving, for example, the privatisation of violence, transnational criminal activity, private trade in weapons, and the increasingly thin line between criminal and social violence. There is a tendency amongst critics of globalisation to take a benign view of transnational civil society and to see 'emerging social forces' as the counterweight both to hegemonic liberal capitalism and to inequalities in the states system. However, such a black and white image is unhelpful. Transnational civil society can aid the flow of anti-liberal ideas as much as the promotion of justice and equality: religious fundamentalism and Robert Murdoch are, after all, as much a part of transnational civil society as Amnesty or Greenpeace."

Outros falam no surgimento de um mundo único, para apreender esse crescente processo de interdependência inerente ao processo de globalização. Dolfus (1994: 24) utiliza o conceito de Sistema-Mundo para definir o funcionamento cada vez mais sistêmico do planeta. Considera isso como fato concreto, do presente. Já Gorender (1995: 93) fala de uma sociedade planetária unificada, porém, como uma possibilidade, como algo do futuro.

"Esse período excepcional de crescimentos, alguns dos quais são atualmente exponenciais, está ligado a uma humanidade que funciona pela primeira vez com um sistema único. O sistema-Mundo conceitualiza um conjunto -- a humanidade -- de conjuntos -- os Estados em seus territórios e as sociedades humanas no desdobramento geográfico de suas culturas, de suas empresas e dos mercados nos seus espaços."

"globalização e revolução tecnológica projetam para o futuro a possibilidade de uma sociedade planetária unificada. Compreensivelmente, trata-se de um futuro a longo prazo, indefinido no surgimento e indeterminado nos traços concretos. Contudo, vários aspectos atinentes a tal futuro já se evidenciam no presente."

O enfraquecimento do Estado-Nação

Outra característica marcante da globalização é o enfraquecimento relativo dos Estados Nacionais. Outros atores, velhos e novos, no cenário político e econômico internacional tem crescentemente usurpado parte do poder e da autoridade dos Estados-Nacionais, que assim tem perdido soberania. Mas, quais são estes atores? São os organismos intergovernamentais, como o BIRD e o FMI; as grandes corporações transnacionais, notadamente norte-americanas e japonesas; as organizações não-governamentais - ONGs -, como o Greenpeace, a Anistia Internacional, etc; os blocos regionais de comércio como a U.E., o Mercosul e o Nafta. Assim, os Estados tem crescentemente sido levados a dividir seu poder e autoridade com outros agentes criando um cenário que alguns autores, como Strange (1995: 56), chamam de neomedievalismo, lembrando a descentralização de poder e autoridade que caracterizava o período medieval.

"The concept of the 'new medievalism' has been around for some years now, there is a developing consensus that state is coming to share authority in economy and society with other entities. These include, in my interpretation, not only transnational companies (TNCs), including banks, accounting and law firms, and international institutions like the International Monetary Fund (IMF) or Inmarsat, but also non-governmental organizations like Amnesty International or the Olympic sports organization and transnacional professional associations of doctors, economists, and scientists. Within the state the authority of central government is, perforce, increasingly shared with local and regional authorities."

Outros autores, como Ianni (1994: 81-82), radicalizam e afirmam que o Estado-Nacional é uma entidade anacrônica e em declínio.

"São muitas e poderosas as forças características da globalização, tornando anacrônico o Estado-nação e quimérica a soberania, ao mesmo tempo que se criam novas exigências de ordenamento jurídico mundial. Já não é suficiente o paradigma das relações internacionais que prioriza o Estado-nação como figura principal, ator da soberania. No âmbito da sociedade global, visto como um universo de relações, processos e estruturas novos, próprios da globalização, o Estado-nação perde boa parte do seu significado tradicional(...)

Se é verdade que a globalização do mundo está em marcha, e tudo indica que sim, então começou o réquiem pelo Estado-nação. Ele está em declínio, sendo redefinido, obrigado

a rearticular-se com as forças que predominam no capitalismo global e, evidentemente, forçado a reorganizar-se internamente, em conformidade com as injunções dessas forças. É claro que o Estado-nação, com sua sociedade nacional, história, geografia, cultura, tradições, língua, dialetos, religião, seitas, moeda, hino, bandeira, santos, heróis, monumentos, ruínas continuará a existir. Mas não será mais o mesmo, isto é, já não é mais o mesmo. Ainda pode utilizar a retórica da soberania e até mesmo falar em hegemonia, mas tudo isso mudou de figura."

Aumento da assimetria de poder

Entretanto, Ianni parece desconsiderar as enormes diferenças entre os vários Estados-nações, parece igualar todos como se fossem algo único e, portanto, sujeitos aos mesmos impactos da globalização. A realidade parece contrariar isso. Há Estados poderosos e influentes, como os Estados Unidos, seguidos pelo Japão, Alemanha, França e Reino Unido, que até por serem os comandantes do processo de globalização tendem a se fortalecer ainda mais diante de outros Estados. Assim, esse processo só tem aumentado a assimetria entre os Estados em termos de poder e influência. Só tem aumentando a distância que separa, notadamente, os países desenvolvidos dos países subdesenvolvidos. Essas idéias aparecem nos textos de Gorender (1995: 98) e Strange (1995: 63), respectivamente:

"O processo de globalização altera e, sob alguns aspectos, reduz os atributos de soberania dos Estados nacionais. É preciso, porém, considerar as reações destes diante das questões propostas pela própria globalização. Os Estados posicionam-se diante do processo de globalização conforme interesses de classe que expressam, empregando os meios de pressão e persuasão de que dispõem.

Sob tal enfoque, cumpre ter em mente que a globalização, uma vez que ocorre como processo capitalista, encerra em sua essência a tendência à acentuação das desigualdades entre os Estados nacionais. Não se trata de característica circunstancial ou conjuntural, mas da natureza essencial da globalização capitalista. A tendência à acentuação da desigualdade atua no sentido do aumento dos meios de influência dos Estados dos países desenvolvidos, ao passo que enfraquece os meios de resistência dos países em desenvolvimento. São diferentes, por consiguiente, os posicionamentos diante do processo de globalização."

"The first major hypothesis in that there has been a great increase in the asymmetries of state authority. In other words, while the US government may have suffered some loss of authority, the loss has been to the markets, not to other states; whereas, for other states, their vulnerability not only to the forces of world markets but also to the greater global reach of US authority has markedly increased."

Outra percepção bastante difundida sobre a globalização, ao meu ver incorreta, é que por se tratar de um processo inerente e intrínseco ao Capitalismo, sob o comando da corporações transnacionais, aconteceria descolado do controle e dos interesses dos Estados, como se fosse um fenômeno que paira no ar, desterritorializado. Ora, sabemos que os centros decisórios que comandam a globalização estão localizados em poucos lugares nos territórios de alguns poucos Estados dos países desenvolvidos, podendo inclusive serem cartografados, como fez Dolffus (1994: 34-35), e logicamente estes Estados tem interesses em defender suas empresas.

"No final do século xx, os poderes que atuam sobre o mundo e as inovações que o transformam localizam-se num número limitado de lugares: megalópoles da América do Norte, a do nordeste e a da Califórnia, a do Japão, centrada em Tóquio, a da Europa Ocidental, entre a planície do Pó e a bacia de Londres, englobando a ilha parisiense. Aí, 5% da população mundial vive em 0,4% da superfície das terras. É aí que se localiza a grande maioria das 500 maiores empresas financeiras e industriais, os governos e as instituições que pesam sobre o Mundo: Casa Branca e Pentágono, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional em Washington; as Nações Unidas e Wall Street em Nova York; os centros financeiros de Tóquio, Frankfurt e Londres, as grandes agências de informações que tratam e difundem os acontecimentos do Mundo; e, em Londres a Reuter, que monopoliza as informações financeiras. Os membros do G-7 aí residem, como os presidentes e os primeiros-ministros, que frequentam as 'conferências de cúpula'. Dos novos conhecimentos, 90% se elaboram nos laboratórios dos países onde se encontram essas megalópoles. (...)

O poderio se exerce numa concentração geográfica dos poderes. O controle de vastas extensões territoriais, quase já não intervém, daí a obsolescência dos Impérios difíceis de gerir, de manejo dispendioso e fontes de conflitos internos."

Outros autores, como Zini Júnior (1996: 9), são mais enfáticos e tendem a ver a globalização como um projeto hegemônico da potência norte-americana. Em um texto produzido para a Conferência Internacional "Globalization. What it is and its implications", realizada em São Paulo, a propósito das comemorações dos 50 anos da FEA-USP, ele assim conclui:

"A first conclusion

This discussion on how to define 'globalization' points to a first conclusion: globalization means change; change away from the past into a new historical epoch.

Even though globalization seems a new fact for many, given the expansion of capitalism to a global scale, other historical period can be said to present similar 'globalizing' patterns.

However, it is not a change toward chaos but toward a relatively anarchic system of trading countries that have chosen capitalism as the rule of the game and found out that the judge speaks English, wears the U.S. Navy uniform and has puppet faces in place like the WTO, the IMF and the World Bank. On a historical sense, globalization is the affirmation of the 'Pax Americana' and of its projected expansion into the few decades of the XXI century."

A verdade é que a globalização, diferentemente do cenário otimista traçado pelos liberais, está aprofundando as desigualdades entre os Estados e entre os povos, exatamente porque ela tem centros de comando e interesses específicos a defender e o mercado não tende para a equalização, como querem os liberais, dos investimentos e do desenvolvimento econômico. Na crítica de Hurrell (1995: 455):

"The liberal orthodoxy highlights enmeshment of economics and societies that results from globalisation. It emphasises the powerful international and transnational pressures that both constrain the range of viable state policies and influence the complexion of domestic politics. Neglected, however, in the liberal view is an analysis of the unevenness of the process of globalisation and the importance of the hierarchy among the states and actors which drive this process. The core proposition of our critique of the liberal orthodoxy on globalisation is a simple one: inequality among states matters."

Assim, parece consenso entre vários autores que o poder dos Estados tem diminuído diante do processo de globalização. No entanto, o que se percebe é que a diminuição de poder tem sido desigual, afetando principalmente aqueles Estados que não são sujeitos, mas apenas objetos do processo de globalização, aí se destacando os Estados dos países subdesenvolvidos. Dentro desse cenário a margem de manobra para inserção internacional desses países torna-se bastante reduzida, como constata Gorender (1995: 103):

"Os países atrasados ditos em desenvolvimento e também designados como países do Terceiro Mundo, têm as economias mais suscetíveis de debilitamento diante dos impulsos imprimidos à globalização pelas empresas multinacionais e pelo capital financeiro atuante no âmbito mundial. A fraca autonomia de decisões dos seus Estados nacionais é ainda mais reduzida, ou mesmo anulada, pelos fatores externos que procedem dos centros comandantes da economia mundial. Enquanto os Estados nacionais dos países desenvolvidos se valem da globalização para incrementar seu poder de influência interna e externa, os Estados nacionais dos países do Terceiro Mundo chegam ao limiar da impotência diante das flutuações dos mercados globalizados de investimentos financeiros, de bens e de serviços. Em consequência, são compelidos a adotar os rumos impostos pelo poder objetivo dos fatores externos.

Situação mais fragilizada do que a de dependência é, hoje, a da marginalidade. Na situação de dependência, ainda subsiste o vínculo que permite o relacionamento econômico com os países industrializados e a manutenção de atividades produtivas voltadas para o intercâmbio externo. Na situação de marginalidade, esse vínculo deixa de existir ou se torna mesquinho, forçando a retração de setores produtivos básicos."

A mesma constatação faz Cardoso (1996: 11-12):

"Assim, não falamos mais do Sul que se achava na periferia do núcleo capitalista e estava ligado a este em uma relação clássica de dependência. Nem nos referimos ao fenômeno, descrito a cerca de vinte e cinco anos por Enzo Falleto e por mim mesmo em nosso livro Dependência e Desenvolvimento na América Latina pelo qual as empresas multinacionais transferem parcelas do sistema produtivo, e os produtores locais prendem-se ao capital estrangeiro em um modelo de desenvolvimento 'dependente-associado'. Estamos tratando, efetivamente, de um fenômeno mais cruel: ou o Sul (ou parte dele) ingressa na corrida democrático-tecnológico-científica, investe pesadamente em P&D, e suporta a metamorfose da 'economia da informação', ou se torna desimportante, inexplorado, e inexplorável".

Conclusão

Este é o cenário, em termos de relações internacionais, no qual os vários atores deverão atuar nos próximos anos. Tem havido profundas transformações -- políticas, econômicas, sociais etc -- impostas pela globalização. No entanto, a globalização não é uma panacéia que resolverá todos nossos problemas se a ela aderirmos e nem tampouco um demônio do qual temos que fugir desesperadamente. É apenas o atual estágio do longo processo de mundialização capitalista. É, antes de mais nada, comandada por homens. Assim, não é um fenômeno espontâneo e incontrolável como muitas vezes é descrito, principalmente na mídia. Aos Estados, mesmo dos países subdesenvolvidos, ainda resta alguma margem de manobra no sentido de regulá-la ou pelo menos no

sentido de minimizar seus efeitos negativos. Apesar da difusão de um discurso ideológico da globalização, ela ainda não acabou com a política.

BIBLIOGRAFIA

BENKO, Georges. Organização econômica do território: algumas reflexões sobre a evolução no século XX, Território: globalização e Fragmentação, Santos et alli (org.), Editora Hucitec-Anpur, São Paulo, 1994.

CARDOSO, Fernando Henrique. Relações Norte-Sul no Contexto Atual: Uma Nova Dependência?, O Brasil e a Economia Global, Bauman (org.), Editora Campus-SOBEET, Rio de Janeiro, 1996.

DOLLFUS, Oliver. Geopolítica do Sistema-Mundo, o Novo Mapa do Mundo. Fim de Século e globalização, Santos et alli (org.), Editora Hucitec-Anpur, São Paulo, 1994.

GORENDER, Jacob. Estratégias dos Estados nacionais diante do processo de globalização, Revista Estudos Avançados Vol. 9, nº 25, Instituto de Estudos Avançados-USP, São Paulo, 1995.

HARVEY, David. A Condição Pós-Moderna, Edições Loyola, 2ª edição, São Paulo, 1993.

HURRELL, Andrew and Ngaire Woods. Globalization and Inequality, Millennium: Journal of International Studies, vol. 24, nº 3, 1995.

IANNI, Octavio. Nação: província da sociedade global?, Território: globalização e Fragmentação, Santos et alli (org.), Editora Hucitec-Anpur, São Paulo, 1994.

SANTOS, Milton. A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo, O Novo Mapa do Mundo. Fim de Século e globalização, Editora Hucitec-Anpur, São Paulo, 1994.

STRANGE, Susan. The Defective State, Daedalus: Journal of the American Academy of Arts and Sciences, Vol. 124, nº 2, 1995.

ZINI JÚNIOR, Álvaro Antônio (org.). Conferência Internacional "Globalization. What it is and its implications", mimeo., São Paulo, 1996.